

## RESENHA

MERRILL, Trevor Cribben. **O livro da imitação e do desejo**. São Paulo: É Realizações, 2016. 336 p.

Vítor Hugo dos Reis Costa\*

Pode o pensamento teórico apanhar a especificidade, a singularidade, a concretude de uma situação humana? Pode o pensamento teórico, ao menos, capturar estes traços naquilo que diz respeito à identidade de uma pessoa? Não será talvez a prosa romanesca uma maneira – talvez a única, provavelmente a melhor – de realizar não apenas esse empreendimento, mas a forma mais fecunda de exploração da existência humana? Essa parece ser a convicção do romancista tcheco Milan Kundera (1929-). Ironicamente, porém, sua obra romanesca é objeto de não poucos estudos teóricos, como o apresentado em *O livro da imitação e do desejo*, de Trevor Cribben Merrill, traduzido por Pedro Sette-Camara e publicado pela É Realizações no ano de 2016.

O título do livro de Merrill é uma brincadeira com o título de um dos mais importantes romances de Kundera: *O livro do riso e do esquecimento*. A brincadeira, porém, tem uma inspiração bastante específica na medida em que se serve das categorias cardeais da “teoria do desejo mimético” de René Girard (1923 – 2015) que, como Kundera, é também um ensaísta que reflete profundamente acerca da arte do romance, vendo na tradição romanesca uma longa e contínua exposição de uma das verdades mais fundamentais de nossa existência: nossos desejos são imitações de outros desejos. Essa verdade incontornável do desejo mimético está, segundo Girard, longa e exaustivamente exposta e explorada nas obras dos grandes romancistas de todos os tempos.

O livro de Merrill tem uma inspiração dupla nas reflexões de Girard e Kundera, bem como nos romances deste último. Segundo o próprio autor, a obra não deseja ser apenas uma

---

\* Doutorando do programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (PPG-Fil – UFSM) sob orientação do prof. Dr. Noeli Dutra Rossatto. E-mail: [victordafilosofia@gmail.com](mailto:victordafilosofia@gmail.com).

aplicação da teoria do desejo mimético de Girard sobre a obra romanesca de Kundera. Se o autor alcança ou não seu objetivo prometido é questionável: a falta de informações mais detalhadas sobre o pensamento de René Girard causa a impressão de que o livro é dirigido à leitores e conhecedores da obra deste pensador. Em defesa de Merrill se pode dizer que a obra promete ser, já em seu subtítulo, uma leitura *com* Girard, e não *através de*.

A exploração da obra de Kundera segundo a chave de leitura da teoria do desejo mimético é o ponto forte da obra: de maneira rigorosa e apaixonada, Merrill passeia pelos romances e ensaios de Kundera como um guia em uma galeria de arte, o tempo todo evidenciando o parentesco das ideias de Girard e Kundera não apenas naquilo que se refere à arte do romance mas também no que diz respeito a condição humana em geral. Servindo-se das ideias do pensador francês e das do próprio romancista tcheco, Merrill mostra como a ficção de Kundera é um verdadeiro laboratório existencial, digna dos cânones da história da literatura. Estabelecendo um fecundo comércio entre a obra de Kundera exaustivamente explorada e as ideias de Girard permanentemente presumidas no decorrer do texto – ideias que o próprio romancista tcheco, em um rodapé de sua coletânea de ensaios intitulada *Os testamentos traídos*, confessa admirar – Merrill nos apresenta um estudo tão sério quanto acessível acerca daquilo que Kundera e Girard consideram ser as sabedorias próprias da arte do romance.

O livro é estruturado em nove capítulos mas também traz um *postscriptum* e um apêndice. Já no título do primeiro capítulo é possível perceber a sagacidade de Merrill em sintetizar em uma frase a ideia da imitação que presidirá a reflexão acerca dos dois autores: “*As Mulheres Buscam Homens que Tiveram Belas Mulheres*”. Pinçada da prosa de Kundera, a frase antecipa o tom do estudo de Merrill: como um romancista digno do adjetivo, Kundera será, como já o foram Cervantes, Flaubert e inúmeros outros romancistas, um observatório privilegiado da condição humana e da estruturação mimética do desejo.

O segundo capítulo, *No Labirinto dos Valores*, Merrill discorre sobre a transformação do objeto do desejo quando este é investido do desejo do mediador. Escolhendo a personagem Christine, de *O livro do riso e do esquecimento*, Merrill mostra como uma pessoa pode ser virtualmente “transubstanciada” da mais mundana vulgaridade até a desejável elegância para o sujeito que deseja quando o mediador do desejo a investe – ou reveste – com seu próprio desejo. A triangulação do desejo – segundo Girard sempre mediado e nunca espontâneo – é explicitada pela reflexão de Merrill com maestria. No terceiro capítulo, intitulado *Da*

*Imitação à Rivalidade*, Merrill mostra como é possível observar no romance de Kundera um outro aspecto da teoria mimética de Girard, a saber, a rivalidade que pode acontecer entre o imitador e o imitado quando estes se encontram próximos entre si. Sobremaneira chama a atenção a seção acerca das personagens Agnes e Laura, de *A imortalidade*: em “*A Irmã mais Nova Imitou a mais Velha*” Merrill mostra o desejo mimético funcionando desde a infância de Laura, quando esta imita os gestos da irmã mais velha, até a idade adulta das mesmas quando a irmã mais nova acaba desposando o marido de Agnes. Todo o mérito de Merrill deve ser reconhecido na medida em que este preserva, na descrição conceitual, a melancólica atmosfera desse arquirromance kunderiano onde o autor, através da prosa e da digressão, nos lembra que não somos tão especiais e únicos quanto gostaríamos.

No quarto capítulo ganha destaque um dos traços mais marcantes da escrita romanesca de Milan Kundera: seu caráter polifônico, capaz de recorrer não apenas a narração ficcional mas também se servir de história, digressão ensaística e mesmo autobiografia. Intitulado *O Modelo como Obstáculo*, o capítulo também conta com uma exposição da *Pequena Teoria do Ressentimento* de Kundera, presente em *O livro do riso e do esquecimento*: através de uma palavra que Kundera julga intraduzível por não ter encontrado em outras línguas um sinônimo para ela – mas que Merrill supõe substituível pela francesa *ressentiment* – o romancista explora as atitudes acionadas pela *litost* através do personagem de um estudante que tem envolvimento com a já mencionada personagem Christine.

O ciúme, tema profundamente presente nos romances de Kundera – no ciúme que Tereza sentia por Tomas em *A insustentável leveza do ser*, no ciúme que Kamila sentia por Klima em *A valsa dos adeuses* – é explorado em *O Ciúme e suas Metáforas*, quinto capítulo do estudo de Merrill. No sexto capítulo, *A Quadrilha do Desejo*, Merrill mostra como o triângulo da imitação girardiano se enriquece e ao mesmo tempo se torna mais complexo quando há mais de três personagens envolvidos na dinâmica do desejo. Neste ponto, a mais famosa obra de Kundera, *A insustentável leveza do ser*, recebe uma atenção delicada: Merrill comenta desde o professor universitário romântico que passa a viver em uma prestação de culto ao ídolo invisível em que se transforma seu amor perdido até a garçonete que devora romances com a intenção de ser distinta da vulgaridade do mundo em que vive: o desejo, sempre mediado e sempre disfarçando seu caráter de ser mediado, é um dos ingredientes mais presentes na obra mais famosa de Kundera. Mas nem mesmo a vaidade dos santos consagrados pela Igreja Católica – tema de digressão de Kundera em *A valsa dos adeuses* –

escapará de ser articulado nessa varredura exaustiva da obra de Kundera sob a luz de Girard. O que permite compreender que a teoria do desejo mimético, no sétimo capítulo, intitulado *No Coração do Labirinto*, seja acionada para ler outros aspectos da obra de Kundera: suas narrações ficcionais, digressões ou relatos histórico-biográficos acerca de elementos políticos ou culturais. É aqui que encontra lugar o tratamento da ideia de um *kitsch* estético e político – mas, sobretudo, um *kitsch* existencial, nas palavras do próprio Kundera – sob o qual se construíram certos regimes políticos e cenários históricos. Numa seção intitulada “*A Negação Absoluta da Merda*” - definição do próprio Kundera para a essência do *kitsch* – o conceito é explorado nessa direção. Merrill desenvolve uma relação entre a narração de Kundera acerca de fatos de teor político com a própria vocação do romance tal como entendida por Kundera: não cair na tentação do maniqueísmo. Assim como a espontaneidade do desejo é uma “mentira romântica” segundo Girard, seria uma “tentação lírica” supor que ao invés de explorar a existência o romance devesse sacrificar sua sabedoria diante de qualquer moralismo. O lirismo e o romantismo são, afinal, atitudes quase indiscerníveis e que devem sempre ser desmascaradas no interior da autêntica narrativa romanesca.

No oitavo capítulo - *O Repúdio ao Modelo* – Merrill desenvolve um dos temas capitais do livro: é possível – ou desejável – escapar ao triângulo do desejo mimético? Ou a imitação seria um destino humano? Tocando com muito cuidado o tema dos *Exílios Libertadores* – haja visto que o próprio Kundera é um exilado e que tocar nesse assunto seria correr o risco de relacionar autor e obra de modo eventualmente determinístico – Merrill apresenta Agnes, de *A imortalidade*, uma imagem de redenção e possibilidade de saída do circuito mimético. Personagem preferida do próprio Merrill e protagonista do romance que, segundo ele, é o mais bem-elaborado por parte do romancista tcheco, Agnes é a imagem de Kundera para a “composição do eu por subtração”. No capítulo *A adição e a subtração* da terceira parte de *A imortalidade*, Kundera apresenta Agnes em contraponto a sua irmã Laura. A primeira compõe o próprio ego por subtração de características, a segunda por adição. Essa composição por subtração leva Agnes a, no final do romance, se sentir leve e feliz em uma experiência quase mística de destituição do seu eu. Merrill então aproxima mais uma vez e de forma derradeira Girard e Kundera: é uma espécie de conversão que permite o êxtase do circuito imitativo. E embora Kundera não aponte para uma saída religiosa, que seria mais cara a Girard, os momentos finais de Agnes exibidos nas páginas finais de *A imortalidade* guardam uma franca semelhança com algo que poderia ser considerado uma experiência mística. O tema da

conversão, aliás, também aparece no oitavo capítulo na seção *O Nascimento do Romancista*: assim como Agnes se destitui do seu eu, o romancista só se torna romancista quando abandona a idade lírica na qual suporia que escrever um romance é expressar sua subjetividade. Girard e Kundera vêem no romance o discurso de uma inteligência que transcende e transborda a pessoa do romancista.

O último capítulo, *Tomas em Colono, ou a Sabedoria do Romance* desenvolve e aprofunda as conquistas do trajeto já evidenciadas no capítulo anterior. A síntese entre as ideias de Girard e Kundera encontra sua apoteose no breve capítulo final de Merrill: o romance pode ser concebido como um observatório privilegiado das estruturas do desejo humano. E se Kundera pode servir como observatório para as estruturas do desejo desvendadas por Girard, seu mérito, segundo Merrill, vai além: o riso diante da insignificância fundamental da existência humana – tema que poderia ser um elemento constante de unidade na obra romanesca de Kundera – seria um fenômeno privilegiado para a observação das estruturas detectadas por Girard, a saber, a imitação e o desejo.

O livro ainda conta com um pós escrito direcionado à um ensaio autobiográfico de Elif Batuman no qual as ideias de Girard são consideradas perniciosas na medida em que a autora viveu experiências ruins com leitores de Girard. Também há um apêndice no qual o espinhoso tema da vida de exilado de Kundera poderia ser sempre uma chave de leitura reducionista de seus romances, na medida em que os mesmos poderiam ser uma racionalização de sua experiência de vida. De maneira muito delicada, Merrill não deixa de reconhecer o papel da vida na obra do autor, tomando o cuidado para não oferecer elementos para tais leituras reducionistas. A edição brasileira também conta com notas de João Cezar de Castro Rocha, intituladas *O Fio de Ariadne: Teoria Mimética e Literatura* na qual o autor comenta o modo como Merrill, tal qual a Ariadne da mitologia grega, se serve da inspiração girardiana para percorrer o labirinto dos valores desenhado pela narração romanesca de Kundera.

Como já foi dito, *O livro da imitação e do desejo* tem o interesse de não ser uma mera aplicação das ideias de Girard ao texto de Kundera. A intenção de Merrill parece ter sido cumprida, o que traz algumas vantagens e certas desvantagens. Infelizmente o estudo parece, em determinados momentos, direcionado para leitores que já tenham algum contato prévio e relativamente adequado com o pensamento de Girard acerca da arte do romance: por mais simples que seja a teoria do desejo mimético, sua profundidade não é proporcional à sua simplicidade e Merrill parece eventualmente supor ter oferecido textualmente aquilo que

qualquer neófito poderia precisar para compreender satisfatoriamente o pensamento girardiano. Por outro lado, o texto é dinâmico e envolvente – certamente um testemunho de um apaixonado ricamente construído como competente estudo exegético – e exhibe uma inteligência e uma originalidade ao articular tanto as ideias de Kundera e Girard sobre o romance quanto ao acionar o romance de Kundera como observatório das ideias filosóficas de Girard. O texto de Merrill sacia a sede de qualquer leitor de Kundera que também vê na obra romanesca do autor um aporte para a reflexão filosófica e se impõe como obrigatório para quem transita nas fronteiras entre literatura, crítica literária e filosofia.

\*\*\*